

Neste Natal, eles não terão esmolas

Treze famílias foram retiradas das ruas de Brasília e mandadas para albergue. Teve quem tentou fugir, mas foi pego

João Pitella Jr.
Da equipe do Correio

A desempregada Irene Queiroz de Melo, de 27 anos, dizia ter um bom motivo para não querer retornar ao Maranhão, de onde veio há um ano para tentar a sorte em Brasília: "Aqui, as pessoas têm bom coração. Só saio depois do Natal", garantia ela, de manhã, acampada em uma barraca de lona no final da Asa Norte, bem em frente à delegacia de polícia. À tarde, Irene te-

ve que mudar os planos. Os seus seis filhos — Anacleto, de 14 anos, Jéssica, 9, Taís, 7, Wemerson, 4, Werlen, 3, e Wellington, de 8 meses — foram as primeiras crianças retiradas da rua na operação do Governo do Distrito Federal, que na véspera havia sido apenas educativa.

A Secretaria da Criança recolheu, ontem, 13 famílias, com 29 crianças ao todo. Elas passaram a noite no Centro de Assistência Social (CAS), em Taguatinga, e voltam hoje aos estados de origem

(Maranhão, Goiás e Bahia), com passagens de ônibus pagas pelo governo. A Ponte do Bragueto, no final da Asa Norte, às margens do Lago Paranoá, o Parque Olhos D'água e Samambaia foram os locais inspecionados.

A retirada está sendo feita para cumprir ordem da Vara da Infância da Juventude, que pretende livrar as crianças de "situações de risco", como a mendicância, atropelamentos, prostituição e exposição às drogas. Um dos principais objetivos, segundo a Secretaria da Criança e da Assistência Social, é inibir as famílias que vêm de outros estados, na época do Natal, para pedir esmolas em Brasília e usam os meninos na tentativa de comover a população.

Mas os filhos de Irene saíram

de um perigo — a vida ao relento, ao lado de uma pista onde passam carros em alta velocidade — para outro: foram colocados sem qualquer cinto de segurança e em pé numa Kombi, no caminho de dois quilômetros do parque (no final da Asa Norte) até a quadra 116. Junto com a equipe do governo, estavam policiais civis, militares e agentes do Detran, mas ninguém tomou o cuidado de providenciar que as crianças fossem transportadas com mais segurança, como determina o Código de Trânsito.

RETORNO

Na 116 Norte, Irene pretendia encontrar o marido, Severino José de Melo, que trabalha como vigia e lavador de carros. Severino não

estava lá e Irene teve que ir com as crianças para o CAS. Hoje, segue de volta para casa. Se for encontrada outra vez na rua com as crianças depois disso, ela vai perder a guarda dos filhos. "Eles têm família, não vou perdê-los de jeito nenhum", avisou Irene, que reclamou o tempo todo da ação do GDF.

Sirlei Eduardo da Silva, de 29 anos, e sua mulher, Maria Domingas Souza, de 20, também estavam acampados na Asa Norte e tiveram que ir para o CAS junto com os filhos — Marco, de 6 anos, e Simone, de 5. Eles concordaram em receber passagens de volta para Barreiras, na Bahia. "Eu vim para cá há 20 dias, iludido com a promessa de trabalhar numa fazenda. Deu tudo errado e não

consegui o emprego, mas aqui, pelo menos, o pessoal dá cestas básicas", explicou Sirlei.

Perto da Ponte do Bragueto, Crispiniana Alves de Jesus tentou fugir com a filha Arlene, de 12 anos, quando viu os fiscais se aproximando. Ela atravessou o canteiro central, mas foi alcançada pela polícia do outro lado da pista. Depois de uma conversa com os assistentes sociais da Secretaria da Criança, Crispiniana concordou em ir com a filha para o abrigo, passar a noite, e voltar hoje para Irecê (BA). "Eu vim aqui caçar o pão de cada dia, lá onde eu morava não dá", justificou. Além de Arlene, ela tem outro filho, Luís Carlos, de 14 anos, que estava vigiando carros na Asa Norte e foi encontrado depois.